

BLACK MIRROR VERSUS HALBWACHS, 100 ANOS DEPOIS: OS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA EM UM FUTURO TECNOLÓGICO POSSÍVEL(?)

Data de Submissão: 05/02/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Plácido Oliveira Mendes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/5463391500618681>

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/6116223353042882>

RESUMO: O estudo da memória sob o ponto de vista das ciências sociais possibilita, ao pesquisador, enquanto mergulha em um vasto universo abstrato e conceitual, tornar-se laboratório e experimentá-lo, uma vez pertencente a uma rede de contextos sociais, enquanto criador e mantenedor de memórias coletivas. Em quatro episódios da série britânica *Black Mirror*, encontramos marcantes elementos para análise à luz do pensamento de Maurice Halbwachs (1877-1945) em um exercício de identificação do uso dos quadros/marcos sociais da memória como instrumentos para as inovações tecnológicas e suas consequências apresentadas pelos aclamados roteiros e conceitos da franquia. Em cenários futurísticos não muito distantes, a interação humana é complementada (controlada?) pela inteligência artificial

a ponto de manipular a memória em proporções inéditas, demonstrando, 100 anos após a publicação de *Os Quadros Sociais da Memória*, a grande contribuição dos conceitos desenvolvidos pelo inquieto discípulo de Bergson e Durkheim.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Maurice Halbwachs. Memória coletiva. Black Mirror. Quadros sociais da memória.

BLACK MIRROR VERSUS HALBWACHS, 100 YEARS LATER: SOCIAL FRAMEWORKS OF MEMORY IN A POSSIBLE(?) TECHNOLOGICAL FUTURE

ABSTRACT: The study of memory from the perspective of social sciences allows the researcher, while diving into a vast abstract and conceptual universe, to become both the laboratory and the experimenter, being part of a network of social contexts as a creator and keeper of collective memories. In four episodes of the british series *Black Mirror*, we find significant elements for analysis in light of the thoughts of Maurice Halbwachs (1877-1945) in an exercise of identifying the use of social frameworks of memory as tools for technological innovations and their consequences presented by the acclaimed

scripts and concepts of the franchise. In futuristic scenarios not too far off, human interaction is complemented (controlled?) by artificial intelligence to the point of manipulating memory in unprecedented proportions, demonstrating, 100 years after the publication of *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, the significant contributions of concepts developed by the restless disciple of Bergson and Durkheim.

KEYWORDS: Memory. Maurice Halbwachs. Collective memory. Black Mirror. Social frameworks of memory.

INTRODUÇÃO

Presente desde os remotos tempos da filosofia grega clássica, as discussões acerca da memória ganharam espaço e importância ao decorrer dos séculos, sendo acompanhadas pelo surgimento, em diferentes momentos, de novas ciências, disciplinas e métodos de investigação, onde este aspecto da vida humana pôde ser abordado sob variados ângulos, destacando-se o da psicologia, geralmente associando-a ao campo individual, através de fatores psíquicos e fisiológicos. Avançando ao final do século XIX (1977), nasce, na França, no seio de uma família universitária, Maurice Halbwachs, que se revelaria um inquieto e revolucionário pensador deste campo, cujo final trágico pelas mãos do totalitarismo, em 1945, deixou uma enorme lacuna no universo das ciências sociais, sempre inspirando indagações sobre até onde evoluiria a sua obra, uma vez que se propunha a responder críticas e a aperfeiçoar seu pensamento através de novas leituras e anotações. Marcou sua passagem nos mais diversos segmentos do conhecimento, passando pelo direito, estatística, letras, filosofia e as ciências sociais. Ex-aluno de Henri Bergson, deixava claro seu profundo respeito à obra do mestre, mas não hesitava em criticá-lo implacável, mas elegantemente em seus textos.

Sua obra-prima sobre o tema, *Os Quadros Sociais da Memória*¹, publicada em 1925, revolucionou a forma de se abordar a memória, ao considerá-la fruto da experiência coletiva, e não apenas como um fenômeno isolado e recluso em cada indivíduo. Obviamente, recebeu duras críticas de outros pensadores, especialmente historiadores, que, àquele período, apresentavam uma nova forma de abordagem historiográfica através da revista francesa *Annales*, liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre. Sua obra póstuma, *A Memória Coletiva*², lançada em 1950 como uma coletânea de escritos deixados pelo autor, selou seu lugar entre os grandes teóricos do século XX, sagrando-o como leitura obrigatória nos cada vez mais presentes programas de pós-graduação em Memória no mundo. Ainda assim, no Brasil, curiosamente, ainda não lhe parece haver sido dispensado o devido reconhecimento, o que se verifica pela constrangedora escassez de edições recentes (e mesmo passadas, em livrarias de usados) em português de sua obra no agonizante mercado editorial tupiniquim.

1. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, em sua edição original.

2. *La Mémoire Collective*, em sua edição original.

O estudo social da memória costuma mostrar-se intrigante, uma vez que, enquanto depara-se com vasta gama de conceitos e teorizações, o pesquisador é capaz de pensar imediatamente, partindo de sua própria vivência, em ricas experimentações práticas, aplicáveis ao cotidiano comum a qualquer pessoa.

BLACK MIRROR VERSUS HALBWACHS, 100 ANOS DEPOIS

Partindo dessa premissa, do ponto de vista de um pesquisador, difícil seria a tarefa de não perceber potenciais de estudo ao aplicar os ensinamentos de Halbwachs a um elemento comum e particularmente popular nos dias atuais: os seriados em plataformas de *streaming*. Mais especificamente, trataremos da britânica *Black Mirror*, disponível pela Netflix. Lançada originalmente em 2011, pela rede de televisão estatal Channel 4, conta, atualmente, com seis temporadas e um longa-metragem interativo, destacando-se por seu formato de histórias independentes entre si, retratando futuros não-distantes, onde a evolução tecnológica atingiu níveis razoáveis e imagináveis para cerca de 20 ou 30 anos à nossa frente, mesclando elementos comuns ao período em que vivemos com tais inovações, seguidas de certas peculiaridades sociais, como se houvéssemos aberto mão de alguns direitos fundamentais, como a privacidade e a dignidade da pessoa humana, inspirando, inclusive, inúmeras discussões éticas, morais e sobre os caminhos as quais o mundo ocidental atual parece se direcionar.

Escolhemos quatro episódios, onde as discussões acerca da memória recebem destaque: *Crocodilo* conta a história de uma arquiteta com um passado criminoso oculto, em uma realidade em que se popularizou o uso de um aparelho chamado *relembrador*, capaz de, ao conectar-se à mente através de um implante removível, projetar, em um monitor, as recordações de qualquer pessoa. Este recurso, na trama, deixou de ser exclusivo às autoridades policiais para, também, ser utilizado comercialmente, por empresas privadas como operadoras de seguros contra acidentes de trânsito, conforme acontece no episódio. Aqui, as recordações acontecem através de estímulos que evocam marcos, como músicas, cheiros e o próprio esforço da recordação, ao se tentar reconstituir mentalmente fatos importantes ao propósito, sobretudo quando não há registros convencionais disponíveis, como gravações em câmeras de segurança na rua, inclusive evidenciando os aspectos subjetivos da memória e o ato de recordar.

O segundo episódio analisado, *Urso Branco*, traz, de início, uma mulher acordando em uma casa desconhecida, em um subúrbio ignorado, vigiada por estranhas e silenciosas pessoas portando celulares, seguindo-a e filmando a tudo. Na verdade, a personagem não faz ideia de quem seja e não se recorda de nada anterior àquele momento (apesar de apresentar, ainda, elementos importantes, como a linguagem e o reconhecimento de objetos cotidianos e suas funções), sendo atormentada, periodicamente, por *flashes* de memória, após determinados estímulos visuais, onde vê uma criança (que considera talvez ser sua filha) e outras pessoas. A realidade em que se encontra remete a um cenário

apocalíptico e hostil, onde a única certeza é a de que o perigo é iminente. Descobre-se, posteriormente, ser este um “*parque penal*”, e que a protagonista, na verdade, cometera um crime bárbaro contra a criança, recebendo a pena de ser inserida neste cenário teatral, inclusive dotado de espectadores (as pessoas portando celulares) diariamente, sempre culminando, ao final do dia, com a “remoção” de sua memória e iniciando-se novamente com a sua amnésia, na manhã posterior. Percebe-se, também, que a própria repetição do processo já a torna capaz de “*adivinhar*” certos aspectos da “*trama*”, porém, sendo isto encarado equivocadamente pela personagem como uma espécie de premonição, “despistando” o espectador da revelação final.

Nos dois episódios restantes não há, pela própria natureza dos roteiros, tamanho enfoque à temática da memória, porém, ainda verifica-se, pontualmente, a presença de elementos suficientes a uma análise halbwachiana: em *Toda a Sua História*, tornou-se comum a implantação de dispositivos, chamados *grãos*, em toda a população, possibilitando a gravação de tudo o que seja visto por um indivíduo, como em uma filmagem, onde os seus olhos funcionam como câmeras. As empresas oferecem “*espaço*” para armazenamento deste “conteúdo”, assim como o fazem os atuais serviços de armazenamento “na nuvem”. Assim, ao contratante do serviço é possível, literalmente, rever qualquer momento de sua vida, quando assim desejar, mentalmente ou projetando-se em uma tela externa, podendo, inclusive, efetuar pesquisas por temática e palavras-chave, gerando toda a sorte de conflitos e níveis de controle social.

Por último, em *Natal*, um homem trabalha em uma empresa que fornece “*secretárias virtuais perfeitas*” para um contexto onde a chamada “*internet das coisas*” popularizou-se definitivamente. Assim, o cliente tem implantado um dispositivo em sua cabeça, por cerca de uma semana, que armazenará dados mentais suficientes para que a “*secretária*” habilite-se a administrar uma casa, em um nível de perfeição tamanho a ponto a inteligência artificial necessite da orientação por um profissional para compreender a difícil realidade de não passar de uma mera cópia virtual encomendada, cuja existência se deve apenas ao auxílio cotidiano de sua “*versão original*”. Este profissional em questão, encontra-se em dívida com a Justiça por cometer um crime e oferece, em troca de um perdão judicial, esse dispositivo e sua habilidade profissional para auxiliar no processo de confissão de outro criminoso. Assim, “*copia*” a mente deste para o dispositivo e, utilizando-se de pontos de referência visuais (em um ambiente virtual) e disfarçando-se de companheiro de morada em uma aparentemente inocente conversa às vésperas do natal, o induz a recordar momentos importantes de sua vida (em um procedimento semelhante ao utilizado na *história oral de vida*) até a esperada confissão, que é anunciada, pela polícia, à sua *versão “original”*, aprisionada, como a prova que ele mesmo se esforçou em não fornecer. São narrativas riquíssimas às mais variadas vertentes científicas que, certamente, levantarão interessantes discussões por décadas, a exemplo do presente estudo que, 100 anos após a publicação de *Os Quadros Sociais da Memória*, demonstra o quão fundamental ainda é, a teoria halbwachiana, ao estudo da memória em diferentes contextos, reais ou fictícios.

Deve-se a Maurice Halbwachs a audaciosa decisão de pensamento que consiste em atribuir a memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade. Na realidade ele já havia forjado o conceito de *quadros sociais da memória* antes de *A Memória coletiva*. Na época, era na condição de sociólogo puro, e na esteira de Émile Durkheim, que ele designava a memória em terceira pessoa e lhe atribuía estruturas acessíveis à observação objetiva. O passo dado em *A Memória Coletiva* consiste em desimplicar a referência à memória coletiva do próprio trabalho da memória pessoal enquanto se recorda de suas lembranças. (RICOEUR, 2007, p. 130)

Halbwachs, avançando à ideia defendida pela psicologia, em sua época, de que a memória pertence ao campo individual, estabelece, em seu pensamento, o conceito de “quadro/marco social” como fator determinante para a construção da memória, reconstruída em um processo racional, a *recordação*. Dividia-se, segundo as correntes anteriores, o “*recordar*” em duas fases: o *reconhecimento* e a *localização*, de forma em que o primeiro seria condição necessária à localização de um acontecimento vivido. Halbwachs utiliza-se constantemente de exemplos cotidianos para ilustrar, didaticamente, ao leitor, seus argumentos. A este, aplica-se facilmente o de se encontrar alguma pessoa familiar na rua, mas não haver a certeza de onde e quando, tampouco se é amiga ou antipatizante. À luz da psicologia desse período, acontece inicialmente o reconhecimento para, só então, a racionalização para a localização (de onde e quando a pessoa é conhecida, bem como outros elementos). Halbwachs, entretanto, aponta fragilidades dessa teoria, considerando o reconhecimento já como um início de localização, sendo possível, ainda, a localização se dar antes do reconhecimento, tornando, assim, equivocada a ideia de se opor um ao outro.

Ainda em relação ao processo racional do recordar, o autor critica a ideia a qual, para se localizar uma recordação, faz-se necessária uma reconstituição cronológica pretensamente completa das experiências vividas até se chegar ao ponto almejado. Aqui se faz presente a existência e utilidade de “pontos de referência”, gerados no ímpeto dos grupos sociais e indicando grande relevância a estes, sob a forma de traumas, alegrias ou quaisquer elementos suficientes para conceder destaque àquele acontecimento no grande conjunto de experiências vividas ininterruptamente pelo ser humano. Halbwachs utiliza-se, constantemente, de exemplos relacionados a viagens para isto.

São estes pontos de referência que tornam possível o esforço da recordação, tornando insustentável a ideia anterior. Para recordar, é suficiente recorrer a esses pontos, os quadros sociais criados de forma “categorizável” constantemente. Esses marcos são comuns ao grupo, onde cada indivíduo contribui com seu próprio “*ângulo de visão*”, mantendo viva a memória. Dessa forma, a memória individual não é ignorada pelo autor, mas desconsidera pensar-se em memória estritamente individual, desprovida de conexões sociais, conforme se defendia até então: as memórias individuais se sustentam necessariamente pelas memórias coletivas, e o esquecimento se dá justamente quando os laços entre os membros desses grupos se enfraquecem, por exemplo, quando seus membros se afastam socialmente. Halbwachs aponta, ainda, a maior dificuldade em se recordar de acontecimentos privados em relação a fatos que envolvem grupos.

Os quadros sociais são elementos norteadores do ato de recordar. Ao se categorizar, chega-se ao marco que, por sua vez, conduz a outro, através semelhanças e pontos em comum, até que se chegue ao ponto almejado. A dificuldade reside justamente, em maior ou menor grau, na força de cada marco, dependente direta das relações entre os indivíduos de cada grupo social: quando os membros de um adentram outro grupo e passam a identificar-se mais com este que com aquele, propositadamente ou não, configura-se a formação de um cenário propício ao processo de esquecimento. Os membros perdem, gradativamente, a identificação mútua chegando, até mesmo a enxergarem-se como estranhos entre si, uma vez que já construíram marcos distintos àquele contexto social. Aqui se percebe a íntima e fundamental relação entre a memória e a linguagem: se não há comunicação (Halbwachs, ressaltamos, evocava conceitos atualmente considerados superados ou incompletos acerca de temas como a linguagem e a história, justificando as inúmeras ressalvas posteriores à sua obra. Neste sentido, refere-se essencialmente à linguagem de acordo com os conceitos de sua época, sendo fundamental o devido cuidado em não se cometer anacronismos ao se analisar seus textos), a memória não é capaz de encontrar terreno fértil para manter-se viva.

Voltando à análise, em *Urso Branco*, a personagem protagonista, Victoria, é submetida artificialmente a um estado de amnésia, desprovido de qualquer registro de grupo, não sendo capaz de identificar o local em que está nem as pessoas com quem tem contato. Entretanto, ainda há ligações sociais: é capaz de ler (o calendário na parede), utilizar objetos e fazer uso da língua falada, bem como compreender a fala de terceiros, estabelecendo o diálogo. A ausência de marcos temporais a transforma em um desesperado ser capaz unicamente de sentir medo, fugir e deduzir: ao avistar uma foto de si mesma (anteriormente identificou-se frente a um espelho) junto à de uma garota (na verdade, sua vítima em um episódio de tortura e assassinato, razão de sua pena), deduz tratar-se de sua filha. Porém, sabemos, alguns elementos são inseridos propositadamente para incentivar a tentativa de recordar e provocar sofrimento. A imagem da criança ativa um marco: Victoria percebe alguma familiaridade e a associa, inconscientemente, a um evento importante, ainda que não consiga identificá-lo. Em verdade, ainda restam marcos, ainda que frágeis:

Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças. Se, ao contrário, essa cena parece não ter deixado, como se diz, nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sentimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer; aqueles que não-la descrevem poderão fazer-nos um quadro vivo dela, mas isso não será jamais uma lembrança. (HALBWACHS, 1990, p. 28)

Em *Crocodilo*, os marcos são utilizados pela personagem Shazia, agente de seguros contra acidentes, como recurso para a recordação de cada uma das testemunhas do fato (o atropelamento de um músico por um veículo autômato de uma rede de pizzarias, não registrado por câmeras de rua ou do próprio veículo): a região abrigava uma fábrica de cervejas, por isso, utilizava-se do cheiro de uma garrafa contendo a bebida para auxiliar a localização das imagens (aqui tratadas também em seu sentido literal, uma vez que o aparelho *relembrador* projetava as recordações em uma tela). Assim, cada testemunha fornecia, a cada depoimento, importantes informações acerca dos acontecimentos ligados ao acidente, de acordo com seu ponto de vista individual, que eram coletadas por Shazia e acrescentadas à sua estratégia de estímulo à recordação junto à próxima testemunha entrevistada, incluindo marcos como a música emitida por um automóvel próximo, a cor da blusa de uma pedestre, de cujo rosto foi reconstruído com fidelidade pela recordação do músico, uma vez que sua beleza física chamou-lhe a atenção.

Apesar do elemento fantasioso (talvez nem tanto em algumas décadas) de se obter imagens concretas de uma memória, observa-se o uso, no roteiro, de conceitos halbwachianos para a abordagem acerca da memória. Quando subjugada pela personagem Mia, Shazia foi induzida, à força, a projetar as imagens de sua casa e seu marido, culminando no posterior assassinato de sua família pela arquiteta. Isto se deu pelo fato de Mia haver evocado estes marcos em sua memória através de perguntas, como acontecera consigo mesma: a agente de seguros testemunhou, por esse motivo, imagens de um assassinato cometido pela arquiteta momentos antes do acidente, justamente por haver evocado as suas recordações através do método de reconhecimento de marcos.

Reconhecemos, na versão brasileira do episódio, o equívoco ao se denominar *relembrador* o aparelho que transforma em imagens concretas as recordações humanas, uma vez que não se trata de meras lembranças (de acordo com o pensamento halbwachiano), mas o esforço racional de recordar é que o alimenta realmente. O paciente é estimulado ou não pelo operador a localizar, em sua mente, qualquer fato a qual tenha vivido, mas ainda sujeito às “interferências” causadas pelo esquecimento. Assim, verifica-se a instabilidade motivadora de críticas ao estudo da memória, por exemplo, por determinados ramos da historiografia: quando um fragmento de memória não se localiza, é “preenchido” pelo cérebro por outros elementos adaptáveis, criando equívocos (falsas memórias), como se verificou pelo depoimento do dentista/testemunha, que errou ao descrever a cor da blusa da pedestre, sendo corrigido pela operadora, que obtivera previamente a informação correta ao entrevistá-la, e alegando: “lembro que era uma cor berrante”, alterando-se, então, instantaneamente, a cor em sua recordação projetada como imagem literal, no aparelho. Assim, temos, aqui, um exemplo prático de como o grupo (neste caso, o grupo formado por testemunhas, vítima, e agente de seguros, ainda que nem todos se conheçam) é detentor da manutenção da memória: uma vez encerrado a um só indivíduo, a tendência é o esquecimento. Isto, aparentemente, apenas não foi observado pela equipe de tradução brasileira, já que o nome original, em inglês, do aparelho é *recaller* (recordador), definindo precisa e adequadamente a sua função.

Em *Toda a Sua História*, vislumbra-se a intervenção tecnológica ao exercício de se recordar, funcionando de forma semelhante a uma busca de arquivos em um computador. O algoritmo é capaz de localizar uma imagem (aqui, também, em seu sentido literal, uma vez que tanto é projetável no próprio campo de visão do usuário, substituindo temporariamente a sua visão do ambiente, quanto em uma tela qualquer, possibilitando a terceiros a função de espectadores). Na verdade, o usuário do *grão* não chega de fato a recordar: cede tal função à máquina que, esta sim, realiza uma simples pesquisa de arquivos como em qualquer computador atual. Poder-se-ia, sugerir uma semelhança apenas pelo fato de esta ser uma busca provocada, logo racional. A pessoa intenciona localizar uma imagem, categorizando-a, plenamente ciente de que não se trata de um acontecimento presente, mas preexistente em sua memória, apenas deixando de confiar em si mesma para, então, *delegar* à tecnologia as funções de armazenar dados (*hard disk*, em linguagem informática), localizá-los e reproduzi-los. Há, na trama, ao menos uma personagem que optou em extrair definitivamente o dispositivo, retornando ao estado natural comum em nossos tempos, mas já considerado pitoresco e antiquado na ficção. Os problemas decorrentes de tal inovação sugerem uma sociedade onde o uso indiscriminado da *memória* (propositadamente em itálico por levantar, neste contexto, questões conceituais elementares) é capaz de tornar sufocante a simples existência social.

Em *Natal*, há um exemplo semelhante a *Urso Branco* em se utilizar gatilhos visuais para o auxílio do *recordar*: a cópia mental da personagem Joe Potter é inserida em um ambiente artificial semelhante à casa de seu ex-sogro (a quem matou acidentalmente) com o objetivo de, em uma longa conversa com a personagem Jon Hamm (ex-funcionário de uma empresa responsável pela comercialização das “secretárias virtuais perfeitas” que ofereceu-se para esta tarefa em troca de um perdão judicial por seus próprios crimes), induzi-lo à confissão narrada de um assassinato. Aqui, a própria noção de tempo é simulada e o interrogado faz um profundo exercício de recordação, contando a sua história, estimulado secretamente pelo suposto parceiro de moradia, confessando, enfim, o crime que deu fim à vida do sogro e de uma criança que Joe pensara, por anos, ser sua filha.

Aqui, tem-se um recurso narrativo interessante, que nos é útil: o do *bloqueio judicial*. Quando uma pessoa é obrigada por lei a não se aproximar de outra, um dispositivo (instalado em toda a população) “*bloqueia*” a interação entre ambos: nem um, nem outro são capazes de enxergar, ouvir ou comunicar-se entre si, incluindo, até mesmo, fotografias e vídeos: assim, passados alguns anos após o *bloqueio* evocado por sua ex-esposa, Joe depara-se com a notícia de sua morte por um acidente de trem, espantando-se ao ver, após tanto tempo, sua fotografia num telejornal (o bloqueio cessa automaticamente com a morte de uma das partes). A personagem expressa sua estranheza, enfatizando o fato de haver, àquela altura, esquecido do rosto da mulher, o que se justifica pelo fato de o *bloqueio* ser justamente uma forma artificial de se “*extirpar*” os quadros sociais: uma vez encerrada a uma só pessoa, passa a ser questão de tempo até que as memórias se dissipem. Joe

lembrava-se do nome e da existência da sua ex-companheira, mas apenas foi capaz de reconhecê-la pela televisão devido à exposição do nome e a natureza da notícia: é de conhecimento de todos, na trama, que um *bloqueio* tem fim com a morte de um *bloqueador* ou de um *bloqueado*, tornando possível, novamente, a visualização de imagens de qualquer natureza pelo sobrevivente.

Ao reivindicar seu perdão judicial, Jon Hamm reconquista, finalmente, a sua liberdade, mas recebe a chamada *penalidade máxima*: ser *bloqueado* por toda a sociedade. Assim, não é mais capaz de enxergar mais que o vulto de qualquer pessoa, bem como ter apenas o seu vulto visto por todos. Na verdade, Jon foi, tal qual os condenados como hereges na Idade Média (LE GOFF, 2013), em proporções extremas, condenado ao *esquecimento* total, passando, a partir daquele dia, a viver em um mundo tecnicamente sem pessoas: será inevitavelmente esquecido por todos e esquecerá a todos, sendo resumido à sua memória individual, que terá apenas o passado para sustentar-se:

[...] Entre el marco y los acontecimientos habría identidad de naturaliza: los acontecimientos son recuerdos, perlo el marco también estaria conformado de recuerdos. Entre unos y otros existiria la diferencia em que estos últimos serían más estables, que dependeria de nosotros a cada instante apercibirlos, y que nos serviríamos de ellos para reencontrar y reconstruir los primeiros. (HALBWACHS, 2004, p. 122)

CONCLUSÃO

[...] a memória não brota de indivíduos isolados, mas sim dos marcos de uma sociedade, da interação e do lugar que os sujeitos ocupam em um grupo social. Baseado nessa concepção, o sociólogo durkheimiano elaborou seu discurso enfocando a tese da memória coletiva. Para o autor, toda memória, inclusive a individual, é coletiva, podendo ser compreendida como a reelaboração de um processo de vivências ou experiências reconhecidas pelos grupos sociais [...] (MAGALHÃES; ALMEIDA, 2011, p. 99)

Conforme afirmamos anteriormente, debruçar-se sobre os temas da memória, sobretudo sob o seus aspectos sociais, representa o adentrar a um fascinante universo que pode ser experimentado ao mesmo tempo em que se aprofunda aos conceitos mais abstratos: se lemos neste momento, é porque temos memória, logo, somos capazes de por à prova tais premissas usando a nós mesmos como laboratório. Assim, existe todo um universo disponível para tanto. A série *Black Mirror* toca em pontos sensíveis da sociedade moderna globalizada e cada vez mais dependente da tecnologia *on-line*, conforme facilmente constata-se pela crescente quantidade de artigos científicos, das mais diversas áreas do conhecimento, publicadas, abordando suas narrativas como ponto de partida. Nestes quatro episódios, o estudioso da memória é capaz de aplicar e pensar conceitos fundamentais, analisando não apenas as formas de utilização escolhidas pelos autores e roteiristas, conscientemente ou não, mas, seguindo o próprio exercício proposto pela

série, de se projetar um futuro não muito distante para a nossa própria civilização, mas pensando as diversas possibilidades de utilização da memória em prol de certos interesses. Aqui, vislumbramos, ainda, um adentrar ao campo da(s) ideologia(s) atrelada(s) aos usos e abusos da memória, permitindo outras possibilidades revisita aos quatro episódios analisados, avançando através de outros autores. Limitamo-nos a evocar o fundamental Maurice Halbwachs, em suas duas obras-chave acerca do o tema. O rompimento para com a associação entre memória e o campo meramente individual fora crucial ao firmamento deste tema às ciências sociais que, a partir da publicação de *Os Quadros Sociais da Memória*, em 1925, não mais puderam ignorar sua obra.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

REFERÊNCIAS

BLACK Mirror. Temporada 1. Episódio 3 – Toda a sua história. Direção: Brian Welsh. Roteiro: Jesse Armstrong. Netflix. Reino Unido, 2011 (49 min), son., color. Netflix. Acesso em: 02 jan. 2021.

_____. Temporada 2. Episódio 2 – Urso Branco. Direção: Carl Tibbetts. Roteiro: Charlie Brooker. Netflix. Reino Unido, 2013 (42 min), son., color. Netflix. Acesso em: 02 jan. 2021.

_____. Temporada 2. Episódio 4 – Natal. Direção: Carl Tibbetts. Roteiro: Charlie Brooker. Netflix. Reino Unido, 2013 (72 min), son., color. Netflix. Acesso em: 02 jan. 2021.

_____. Temporada 4. Episódio 3 – Crocodilo. Direção: John Hillcoat. Roteiro: Charlie Brooker. Netflix. Reino Unido, 2017 (59 min), son., color. Netflix. Acesso em: 02 jan. 2021.

BLOCH, Marc. Mémoire collective, tradition et coutume, à propos d'un livre récent. In: BERR, Henri (Dir.). **Revue de synthèse historique**. Tome XL. Paris: La Renaissance du Livre, 1925. p. 73-83.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Postfácio de Gérard Namera. Traducción de Manuel A Baeza y Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Relações simbióticas entre memória, ideologia, história, educação. In: LOMBARDI, José Claudinei [et. al.] [orgs.]. **História, memória & educação**. Campinas: Alínea, 2011. p. 99-109.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 130-134.